

**“Sexo e as negas”: narrativas estereotipadas e sexista na representação das mulheres
negras**

Samara Araújo da Silva¹

Resumo: Devido ao seu caráter internacional, a série está presente no mundo inteiro. É de extrema relevância o fato da ficção seriada influenciar nas concepções de representações sociais, atingindo diretamente a visão que temos sobre nós e também do outro. Questiona-se a escolha de atrizes negras como protagonistas de uma série da Rede Globo de nome “Sexo e as Negas” tenha sido de fato uma conquista de espaço na televisão. Até que ponto as personagens tiveram uma narrativa fora de estereótipos comuns de representações do negro. Se realmente a mulher negra não se mantém vista e apresentada como no período escravocrata a mercê dos desejos sexuais de seus patrões dentro de um hiper-sexualismo constante. O presente trabalho tem intenção de discutir como a mulher negra é representada na teledramaturgia com foco nas personagens do seriado “Sexo e as Negas”.

Palavras-chave: Ficção Seriada; Teledramaturgia; Mulher Negra.

Resumen: Debido a su carácter internacional, un número está presente en todo el mundo. Es muy importante el hecho de la influencia de ficción de serie en las concepciones de las representaciones sociales, llegando directamente a una visión que tenemos sobre nosotros y también los otros. una selección de actrices negras se pregunta como protagonistas de una serie de nombre de Red Globe "Sexo e as Negas", de hecho, había sido una conquista del espacio en la televisión. ¿Qué tan lejos como personajes tiene una historia que los estereotipos comunes de representaciones de negro. Sí, efectivamente, una mujer de negro no tienen puntos de vista y se presenta como un período de esclavo a merced de los deseos sexuales de sus jefes en una constante hiper-sexualismo. Este trabajo se propone discutir cómo una mujer negro está representado en el drama de la televisión se centra en la gente de la serie "Sexo e as Negas".

Palabras clave: ficción de serie; Teledramaturgia; Las mujeres negras.

Introdução

A representação da negritude brasileira no produto televisivo teve avanços, contudo, ainda reforça estereótipos. O negro, na maioria das vezes, continua no papel subalterno, realizando ofícios braçais, envolto ao sexismo, reforçando a ideia de uma inferioridade intelectual, o que enaltece o embranquecimento. O retrato da mulher negra na televisão tem

¹ Jornalista pela Universidade Federal de Ouro Preto. Contato: samaraaraujo77@gmail.com. Artigo recebido em 5 de novembro de 2016.

relação direta com a imagem da negra forjada no período escravocrata. O corpo negro é culturalmente hiper-sexualizado, o que o coloca como um objeto sempre disponível, uma transa exótica. É sedutora, pecaminosa, não é vista como mulher decente apta a um relacionamento nos padrões da monogomia. A que cor a Rede Globo se referiu ao exibir uma novela com o nome “Da cor do pecado”? É por esses dados que se torna necessário a discussão do racismo “embutido”, como acontece na representação das quatro mulheres negras que compõem a série “Sexo e as Negas”.

A metodologia empregada no estudo parte da análise da série com foco em alguns episódios e cenas em que se pode indentificar situações de racismo, estereotipação, sexismo exacerbado, assédio, entre outros pontos. A questão principal é como essas violências foram abordadas pela trama, se de fato existiu problematização nas cenas, se elas foram produzidas por um viés crítico ou se simplesmente foi mantida a imagem subalterna do negro, comum em outras representações midiáticas. É levado em conta a repercussão da série e como o público recebeu os episódios.

A mulher negra

A mulher negra brasileira carrega uma carga histórica em seu corpo. Há muitos séculos escuta que seu papel é o de mulata, hipersexualizada. É vítima de uma hostilidade de raízes seculares. Durante o período escravocrata eram obrigadas a manter relações sexuais com seus senhores e outros homens que faziam parte do círculo da escravidão. A herança desse período ainda resiste por meio da extrema sexualização e violência contra o corpo negro.

Não é necessário voltar muito no tempo para se deparar com campanhas racistas, machistas e misóginas que ainda hoje tratam a mulher negra como objeto, comparando seu corpo a um produto que pode ser facilmente adquirido e consumido. Um dos exemplos envolve os lançamentos de cervejas, uma da empresa Moçambicana “Laurentina” que dizia em sua campanha “*Essa preta foi de boa para melhor. Agora com uma garrafa mais sexy*” e a Cervejaria “Devassa”, que sua cerveja preta foi vendida com o slogan: “*É pelo corpo que se reconhece a verdadeira negra*”. A Devassa veiculou o anúncio nos anos de 2010 e 2011 e, devido às reclamações e críticas, o Ministério da Justiça e consumidores de diversas regiões do Brasil abriram processos² contra a Brasil Kirin, antiga Schincariol. A Brasil Kirin se

² PROCESSO. É pelo corpo que se reconhece a verdadeira negra. Disponível em: <http://www.conar.org.br/processos/detcaso.php?id=194>

defendeu negando que a propaganda seja abusiva e alegando que nem mesmo o CONAR³ recomendou a suspensão da propaganda, mas apenas sua alteração.

Figura 1- Propaganda da cerveja Devassa



Fonte: Página da Revista Exame⁴.

Figura 2- Propaganda cerveja Laurentina



Fonte: Blog Olá Moçambique⁵.

³ CONAR. Conselho Nacional de Auto-Regulamentação Publicitária.

⁴ Disponível em: <http://exame.abril.com.br/marketing/noticias/devassa-pode-ser-multada-em-6-milhoes-por-propaganda-abusiva>. Acesso em: 9 jun, 2016.

Outros tipos de violência são comuns e muitas vezes normalizadas e reafirmadas em cima de estereótipos. Na área da saúde existe um alto índice de denúncias com relação às violências obstétricas, o índice é gritantemente maior⁶ se comparado às mulheres brancas. Dissemina-se a ideia de que a negra é mais forte, mais resistente do que as demais mulheres. Além disso, o termo “mulata”, utilizado para enfatizar a beleza negra, faz referência a um animal de carga, a mula. Em sua maioria as denúncias se encaixam no não recebimento de anestesia no procedimento do parto⁷.

A prematuridade infantil também está relacionada à raça, cor e etnia. A maior porcentagem de prematuros nascidos vivos é de bebês indígenas e negros; assim como a taxa de mortalidade e desnutrição. Dados do relatório “Saúde Brasil 2005: Uma análise da situação de saúde no Brasil”, realizado pelo Ministério da Saúde, destacam que:

O risco de uma criança preta ou parda morrer antes dos 5 anos por causas infecciosas e parasitárias é 60% maior do que o de uma criança branca. Também o risco de morte por desnutrição apresenta diferenças alarmantes, sendo 90% maior entre crianças pretas e pardas que entre brancas (BRASIL, 2005, p.120).

A mãe negra também é vítima da sociedade, pois vê diariamente o genocídio de seus filhos, jovens, negros e periféricos. O Estado não toma medidas efetivas quando mais um jovem negro é morto, afinal, a mulher negra e periférica é vista como grande procriadora e mãe de muitos outros filhos. Existe uma banalização de seus sentimentos e o aumento das estatísticas persiste. Ainda de acordo com os dados do relatório do Ministério da Saúde, se:

Prevalecem os diferenciais de raça, cor e etnia, quando a análise está centrada na proporção de óbitos por causas externas. O risco de uma pessoa negra morrer por causa externa é 56% maior que o de uma pessoa branca; no caso de um homem negro, o risco é 70% maior que o de um homem branco. No geral, o risco de morte por homicídios foi maior nas populações negra e parda, independentemente do sexo (BRASIL, 2005, p.77).

⁵ Disponível em: <https://olamocambique.wordpress.com/2013/07/29/laurentina-preta-a-melhor-cerveja-preta-de-africa/>. Acesso em: 9 jun, 2016.

⁶ <http://populacaonegraesaude.blogspot.com.br/2016/08/violencia-obstetrica-e-o-vies-racial.html>. Acesso em: 14 jun, 2016.

⁷ Dados do Ministério da Saúde indicam que uma mulher negra recebe menos tempo de atendimento médico do que uma mulher branca. Os números mostram que, enquanto 46,2% das mulheres brancas tiveram acompanhamento no parto, apenas 27% das negras utilizaram esse direito. Outro levantamento revela que 77,7% das mulheres brancas foram orientadas sobre a importância do aleitamento materno, enquanto, 62,5% das mulheres negras receberam essa informação (BRASIL, 2005).

Desde os anos 2000, existia uma forte discussão no país sobre a lei que seria capaz de garantir um dos maiores avanços sociais e políticos no que se refere a direitos e igualdade racial. O Estatuto de Igualdade Racial foi sancionado pelo presidente em vigor, Luís Inácio Lula da Silva, no ano de 2010, no mês de julho. Contudo, ao longo desses anos de intensas batalhas e reivindicações o estatuto passou por uma série de modificações que alteraram diretamente seu sentido final. Sua aprovação se deu em um acordo entre governo e a oposição que não concordava com algumas das exigências do projeto. A regularização de terras quilombolas, uma espécie de “cotas”, “percentual” obrigatório de atores negros e figurantes em novelas e programas de TV, foram retirados das reivindicações. Apesar dessas limitações e recortes o Estatuto de Igualdade Racial foi visto como uma grande conquista e um passo dentro do longo caminho na busca de um país mais justo.

Art. 44. Na produção de filmes e programas destinados à veiculação pelas emissoras de televisão e em salas cinematográficas, deverá ser adotada a prática de conferir oportunidades de emprego para atores, figurantes e técnicos negros, sendo vedada toda e qualquer discriminação de natureza política, ideológica, étnica ou artística (ESTATUTO DA IGUALDADE RACIAL, 2010)

O Estatuto da Igualdade Racial com o texto final sancionado pelo presidente Lula após quase um ano de sua aprovação no Congresso, exclui qualquer tipo de cotas, o que para especialistas era parte fundamental, que realmente garantia a igualdade entre negros e brancos. Mas muitos consideram que a aprovação do estatuto já é uma vitória, pois mostra que o Brasil reconhece que o preconceito e a desigualdade estão presentes na sociedade, como destacou o antropólogo Kabengele Munanga (2010).

O documento foi praticamente desfigurado. O fato de reconhecerem que há preconceito no Brasil e que algo precisa ser feito já é alguma coisa. Mas o texto não contempla a expectativa da população negra, porque um dos problemas do Brasil – a ausência de igualdade – foi removido. (MUNANGA, 2010)

A mulher negra na televisão

O negro, quando representado na teledramaturgia, na maioria das vezes, é representado em papéis subalternos, negativos, subordinados a pessoas brancas: empregados, com baixa renda, má índole e tendo seu corpo em destaque com aspectos de sensualidade e demais estereótipos. É notável o aumento de negros que interpretam personagens com poder aquisitivo e fora dos segmentos citados, contudo, se comparado ao número de personagens

interpretados por atores e atrizes de pele branca, ainda existe uma imensa discrepância. De acordo com Lima:

Desde os anos 70 as telenovelas têm apresentado personagens negros de certa projeção social, representados por bons atores, mas que não têm, na trama, história própria, nem família, nem núcleo social: são as personagens soltas. Estão nessa situação uma galeria de padres, juizes, promotores, donos de estabelecimentos comerciais, etc. O início desta pesquisa, como já foi dito acima, elege a novela Pecado Capital, na qual Milton Gonçalves, ator negro consagrado, representa um psiquiatra, com essas características mencionadas. Nas palavras do ator, em depoimento pessoal para a pesquisa, “o primeiro personagem negro de terno e gravata”, mas sem identidade própria, situação que permanece até os anos 90. (LIMA, 2001, p. 92)

O escritor Joel Zito Araújo, em seu livro “A negação do Brasil”, também realiza um estudo sobre a presença e a representação do negro na trajetória da teledramaturgia no Brasil, levantando uma série de dados e depoimentos de atores que sentiram na pele o preconceito racial e o ideal de branqueamento. De acordo com o autor:

Em poucos trabalhos identificamos atores negros nos papéis principais, de protagonistas ou antagonistas. [...] Se o personagem criado pelo autor não receber, na sinopse, referências sobre o seu pertencimento racial, o ator branco tende a ser escolhido. O afro-descendente só terá a sua oportunidade assegurada se existirem rubricas que evidenciem a necessidade de um ator negro. Se na construção do personagem for destacado um tratamento estereotipado, recorrendo aos arquétipos da subalternidade na sociedade brasileira, aumenta a possibilidade de construção para o ator negro. De um modo geral, ao ator afro-brasileiro estão reservados os personagens sem, ou quase sem, ação, os personagens passageiros, decorativos, que buscam compor o espaço da domesticidade, ou da realidade das ruas, em especial das favelas. (ARAÚJO, 2004, p. 57)

A ficção seriada pode contribuir na construção da realidade, memória e identidade social. A mulher negra na televisão é, em sua maioria, apresentada de uma maneira inferior e estereotipada, exercendo profissões de valor social pouco reconhecido ou como símbolo de hiper-sexualidade. De acordo com Ferrés, “a exposição constante a imagens estereotipadas da realidade leva à construção de algumas representações mentais da realidade igualmente estereotipadas”. (1998, p. 140)

A mulher negra também sofre uma espécie de rejeição, ela raramente é vista em representações midiáticas como revistas, novelas e comerciais, que quase sempre são estampados por mulheres loiras e brancas, nos “padrões” sociais mais aceitos dentro da cultura do embranquecimento. O corpo negro possui uma carga histórica da escravidão, que ainda prevalece. O corpo negro é tido como exótico, pecaminoso, “Da cor do pecado”, diferente, ligado ao sexo e ao racismo, que classifica a mulher negra como não apta para

relacionamentos monogâmicos ou matrimônio⁸. A partir desse tipo de estereotipização e inferirização, a população afrodescendente sofre as mais diversas formas de discriminação pelos discursos racistas presentes na sociedade. De acordo com Bhabha:

O ato de estereotipar não é o estabelecimento de uma falsa imagem que se torna bode expiatório de práticas discriminatórias. É um texto muito mais ambivalente de projeção e introjeção, estratégias metafóricas e metonímicas, deslocamento, sobredeterminação, culpa, agressividade, o mascaramento e cisão de saberes “oficiais” fantasmáticos para construir as posicionalidades e oposicionalidades do discurso racista. (BHABHA, 2005, p. 125).

“Sexo e as Negas”

A televisão brasileira, desde sua inauguração, produziu séries e programas seriados de teledramaturgia. O programa classificado como série pode servir para todos os tipos de público, variando o seu conteúdo. Em sua primeira fase, o sucesso “Alô, Doçura!” foi exibida pela Tupi durante onze anos no período de 1953 a 1964. Em meados da década de 1960 e 70, o destaque ficou por conta das séries de aventuras como “Falcão Negro” e “O Vigilante Rodoviário”, humorísticas, onde tiveram destaque “Família Trapo” e “A Grande Família”, e infantis, como “Shazan” e “Xerife e Cia”, e versões do “Sítio do Pica-Pau Amarelo”, produzidas pelas TV Tupi, Cultura, Bandeirantes e Globo, que se tornou produtora de séries no horário nobre, a partir de 1979. As primeiras séries produzidas nessa vertente foram “Malu Mulher”, “Carga Pesada” e “Plantão de Polícia”.

Na década de 2000, deu-se a popularização, principalmente pelas TVs à cabo, das séries americanas no Brasil. Na oportunidade, as emissoras brasileiras de TV lançaram-se na produção do gênero. A Rede Globo investiu em temáticas variadas, principalmente dramas e humorísticos como “Os Normais” e a nova versão de “Grande Família”. Sobre a produção de séries pelas emissoras brasileiras, Souza afirma que:

Atualmente, o principal produto da ficção seriada nacional é a telenovela, contudo, outros programas como séries, minisséries e sitcoms (comédia de situação ou comédia de costumes) disputam espaço na grade de programação da televisão. Após muito importar séries e sitcoms, as redes de televisão nacional resolveram testar as suas habilidades em produzir programas que apresentem a comicidade do cotidiano, pondo à prova a irreverência dos personagens e o humor dos diálogos. Assim, a TV brasileira mostra que

⁸ No último Censo, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2010, dados sobre a mulher negra brasileira chamaram a atenção. O levantamento apontava que, à época, mais da metade delas – 52,52% – não vivia em união, independentemente do estado civil. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/resultados_preliminares_amostra/notas_resultados_preliminares_amostra.pdf

adaptou os gêneros de maior sucesso nos Estados Unidos, investindo em combinações que atraíam o telespectador sem perder o caráter multinacional característico destes gêneros (SOUZA, 2004, p. 118).

“Sexo e as Negas” é uma série televisiva produzida pela Rede Globo, que foi exibida entre 16 de setembro a 16 de dezembro de 2014. Inspirada na série americana “Sex and The City”⁹, “Sexo e As Negas” conta histórias e aventuras de quatro amigas negras. Ao todo são 13 episódios escritos por Alessandra Poggi, Antônia Pellegrino, Artur Xexéo, Flávio Marinho, Luiz Carlos Góes, com roteiro final de Miguel Falabella. As quatro protagonistas negras recebem o nome de Zulma, Tilde, Lia e Soraia.

A temática da série gira em torno dos relacionamentos amorosos e sexuais das personagens citadas. Outro aspecto da produção se dá pela incursão de pequenos musicais interpretados pelas protagonistas ao fim de cada episódio onde cantam clássicos da música negra norte-americana em versões nacionais. A série foi acusada por alguns telespectadores e movimentos raciais de retratar os negros de maneira estereotipada. Diante da repercussão negativa e descontentamento, a SEPPIR (Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Social) realizou a abertura de um processo¹⁰ no qual investiga as denúncias de racismo recebidas. O programa também foi alvo de denúncias SPM (Secretaria de Políticas para Mulher) da Presidência.

Figura 3- Cena performance “O sexo e as Negas”



Fonte: Site da Rede Globo (Gshow)¹¹

A série foi idealizada pelo ator, escritor e dramaturgo Miguel Falabella, que desenvolve projetos na Rede Globo desde 1982 e é conhecido por seus personagens cômicos,

⁹ Baseado no livro da escritora Candice Bushnelle narrada por uma das quatro personagens, a série mostra a vida de quatro amigas solteiras e bem-sucedidas de Nova York, esboçando lugares e papéis desempenhados pela mulher na sociedade contemporânea.

¹⁰ SEPPIR. Relatório de Gestão 2014. Disponível em: <http://www.seppir.gov.br/sobre-2/relatorios-de-gestao/relatoriodegestao2014.pdf/view>

¹¹ <http://gshow.globo.com/programas/sexo-e-as-negas>. Acesso em: 8 jun, 2016.

tanto no teatro, quanto na televisão. Diante da insatisfação e denúncias que a obra recebeu, a revista *Ego*, de setembro de 2014, realizou uma entrevista com Miguel, e em sua defesa ele disse as seguintes palavras:

Como é que saem por aí pedindo boicote ao programa, como os antigos capitães do mato que perseguiam seus irmãos fugidos? O negro mais uma vez volta as costas ao negro. Que espécie de pensamento é esse? Não sei o que é mais assustador. Se o pré-julgamento ou se a falta de humor. Ainda questionado na entrevista sobre a história e aceitação da série ele conclui com a seguinte fala “Que bobagem é essa? Pois é justamente sobre isso que a série quer falar! Sobre guetos, sobre cotas, sobre mitos! Destrinchá-los na medida do possível! Os mitos e lendas que nos são enfiados goela abaixo a vida toda. Da negra fogosa, do negro de pau grande, das mazelas que os anos de colônia extrativista e escravocrata deixaram crescer entre nós. (FALABELLA, 2014)

Na ocasião, o deputado federal do Rio de Janeiro Jean Wyllys (PSOL) acompanhado de alguns atores da emissora negros, como o respeitado ator Milton Gonçalves, saiu em defesa da série global “Sexo e as Negas” em vídeo¹² postado em sua página oficial na rede social *facebook*. O parlamentar, ao contrário de algumas lideranças de seu partido, não acredita que a produção seja racista e sexista. Jean Wyllys foi intensamente criticado após a seguinte declaração: “O Miguel Falabella, nessa série, denuncia o racismo”. O deputado se retratou em declaração posterior ao acontecido.

As cenas

No primeiro episódio, as personagens, Zulma, Tilde, Lia e Soraia se juntam para comprar um carro. Logo percebem que não possuem poder aquisitivo para adquirir o carro escolhido e partem para outro veículo. No momento de escolha, umas das personagens, Soraia, afirma: “Esse carro aí não deve nem andar, Lia. Só deve pegar na porrada”. Em seguida a personagem Zulma responde: “quatro pretas dentro dessa lata velha, vamos ser paradas em tudo quanto é blitz”. Zulma é empregada doméstica de Leonor Canhoto (mulher branca e rica), personagem interpretada pela atriz Bia Nunnes. A relação de empregada e patroa se dá por um arranjo de subordinação. Representação muito comum nas ficções seriadas que em sua maioria apresenta o negro de maneira subalterna e inferior.

¹² Disponível em: <https://www.facebook.com/jean.wyllys/videos/785640818150594/>. Acesso em: 12 jun, 2016.

Figura 4 - Cena compra de carro “Sexo e as Negas”



Fonte: Fonte: Banco de dados portal Ig¹³

Em umas das cenas a patroa Leonor pede ajuda de Zulma, sua camareira, para guardar uma pulseira de valor recebida de um amante, para que seu parceiro não veja. Na mesma cena a funcionária se sente desconfortável e amedrontada pelo alto poder aquisitivo da joia, porém sua patroa tenta convencê-la que não há perigo uma vez que em seu braço ninguém suspeitaria que a pulseira fosse de valor. Ou seja, no braço de uma mulher negra ninguém acreditaria que a peça seria original.

A tentativa de debate de preconceito é superficial, pois a mulher negra termina a cena colocando a pulseira nos pulsos, sem qualquer questionamento à atitude de sua patroa. A cena reforça estereótipos sociais e raciais. A ideia de que uma negra não poderia utilizar joias verdadeiras, pois negros não possuem poder aquisitivo. A postura da funcionária expressa uma naturalidade e conformismo ao lidar com o preconceito de Leonor sem qualquer indignação ou questionamento.

¹³ <http://i0.statig.com.br/bancodeimagens/cy/77/1j/cy771j5h0mag9k5pto75tvw0j.jpgijk>. Acesso em: 12 jun, 2016.

Figura 5 – Personagem Zulma



Fonte: Banco de dados portal Ig¹⁴

Zulma protagoniza outra cena forte de preconceito. A personagem decide ir a uma festa frequentada por pessoas de elite e brancas, as mesmas do círculo social de sua patroa. Ela tem como companhia um colega da patroa Leonor. Uma atriz presente na festa conta de seu novo personagem, uma mulher de “comunidade”, drogada, prostituta e sugere que Zulma a ajude com o personagem. No diálogo, a camareira responde de maneira ríspida “Eu não sou prostituta, nem drogada”. Carmem, a atriz, prossegue, “Mas vive na favela, né?”. Zulma sente-se ofendida e se retira do local. Mais uma cena em que o preconceito social e racial é tratado de maneira superficial, assim como na cena descrita anteriormente. A personagem não cria um atrito acompanhado de um diálogo de empoderamento contra a violência sofrida. Ela apenas se retira da festa.

Soraia é uma cozinheira negra, constantemente assediada pelo seu patrão branco. Sua sexualização e assédio constante faz um paralelo com as relações históricas de senhor do engenho (patrão) que explorava não só de forma trabalhista, mas sexual suas escravas (empregadas).

Os assédios possuem destaques ao longo da trama. Em um episódio a personagem cede aos abusos de seu patrão e tem uma relação sexual com ele. Em uma das tentativas do homem por mais sexo, acontece o flagrante da patroa. Após sofrer ameaças da patroa de ser retirada por policiais, Soraia contorna a situação ameaçando denunciar o patrão por assédio.

¹⁴ <http://i0.statig.com.br/bancodeimagens/cy/77/1j/cy771j5h0mag9k5pto75tvwggf.jpgjkk>. Acesso em: 8 jun, 2016.

Figura 6 – Soraia em primeiro plano, ao fundo deu patrão.



Fonte: Banco de dados portal Ig¹⁵

A moça troca de emprego, mas a imagem da empregada negra sexualizada não muda. Em seu novo emprego ela se vê assediada tanto pelo seu patrão quanto por sua patroa. Sobre a trajetória de mulheres negras interpretando empregadas domésticas, Lima nos diz que:

Como nas décadas de 70 e 80, as empregadas domésticas da década de 90 são mantidas de modo constante e recorrente. Sempre presentes nas telenovelas, apresentam variações: herdeiras das mucamas, das amas-de-leite, bisbilhoteiras, irreverentes sem “saber o seu lugar”, submissas, objeto do desejo dos patrões. Algumas mudanças podem se apresentar na “roupagem”, o que não compromete a essência da característica das personagens: foi encontrada, por exemplo, uma governanta que se apresentava maquiada e de vestido de seda; uma empregada mais falante e participante, que tem a patroa como modelo a ser imitado, ou mesmo a sedutora que, apesar de objeto sexual do patrão, manipula de modo mais consciente seus atributos de sedução. (LIMA, 2001, p. 98)

Em outra cena, Soraia é atendida por um enfermeiro negro com quem acaba tendo um caso. Diante disso, ela começa a visitar o hospital com maior frequência e logo seu interesse é identificado por outra enfermeira, que fica enciumada. Com interferência da enfermeira, Soraia é atendida por uma médica branca. Mais uma vez vemos a não utilização de um

¹⁵ <http://i0.statig.com.br/bancodeimagens/cy/77/1j/cy771j5h0mag9k5pto75tvw0j.jpg> Acesso em: 5 jun, 2016.

médico negro, mas sim um enfermeiro. Isso reafirma a ideia de que o negro não ocupa profissões tidas e vistas socialmente como de prestígio.

Tilde, tem um relacionamento com um personagem branco, no primeiro momento da relação tem vergonha de assumi-la como namorada, mas proíbe sem envolvimento com outros homens. Além do preconceito do parceiro, também sofre por parte de sua cunhada que, após um pedido de ajuda de Tilde, expõe o seguinte pensamento: “O cabelo da Tilde me deu uma surra. Já disse ao Vinagre: Deus que me livre ter sobrinho com aquela carapinha”. A cunhada de Tilde, gaúcha, posteriormente assume o relacionamento com um negro que se autodeclara como pardo. Situação comum, uma vez que segundo dados do IBGE¹⁶ maioria da população brasileira mesmo sendo composta majoritariamente por negros se autodeclaram pardos. Após um tempo desempregada, Tilde começa a trabalhar em eventos, onde deve servir a elite branca e sambar para eles. É constantemente paquerada pelos clientes, mas em meio ao ambiente de assédio se vê motivada, por uma colega de trabalho, a voltar a estudar.

Figura 7 – Personagem Tilde e seu namorado



Fonte: Banco de dados portal Ig¹⁷

Percebe-se claramente o preconceito racial e o estereótipo da mulher negra como “Globeleza”. Tilde foi contratada justamente pelo seu fenótipo de “mulata”, pelo seu corpo estereotipado ao samba, entretenimento, fetiche e sexo. Em seu trabalho ela servia muito mais do que o conteúdo da bandeja. Servia-os também com seu corpo que era a todo o momento

¹⁶ <https://ensaiosdegenero.wordpress.com/2015/02/13/a-cor-e-a-raca-nos-censos-demograficos-nacionais>. Acesso em: 12 jun 2016.

¹⁷ <http://i0.statig.com.br/bancodeimagens/cy/77/1j/cy771j5h0mag9k5pto75tvw0j.jpg>. Acesso em: 7 jun, 2016.

desejado. A dificuldade de ser aceita e assumida pelo parceiro reforça os dados que expressam o preterimento das mulheres negras de serem assumidas e manterem uma união estável.

O problema

“Sexo e a as Negas” propõe colocar mulheres negras como protagonistas, e mesmo ocupando esse lugar de maior prestígio nas tramas, elas são associadas à pobreza, baixa qualificação profissional e sexualidade exacerbada. O racismo aparece no próprio nome, que remete a um passado colonial, onde senhores usufruíam livremente dos corpos das suas escravizadas.

Na série, as personagens se encontram limitadas ao sexo e à busca incessante de um relacionamento. A delicada situação da solidão da mulher negra no país não foi considerada e nem tratada com zelo. No último Censo, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2010¹⁸, dados sobre a mulher negra brasileira chamaram a atenção. O levantamento apontava que, à época, mais da metade delas – 52,52% – não vivia em união, independentemente do estado civil.

Nas cenas expostas é notável uma espécie de conformidade, omissão, uma imagem de mulheres negras passivas de qualquer tipo de violência. Uma ausência de reconhecimento e empoderamento das personagens diante das violências sofridas em seus cotidianos.

Conclusão

Diante do apresentado, conclui-se que o problema do reforço e da validação de estereótipos raciais presentes na sociedade se arrasta há anos dentro da televisão brasileira. O personagem negro aparece sempre limitado em suas possibilidades de atuação sendo encaixado em papéis de subordinação aos brancos.

A escolha de mulheres negras como protagonistas não pode ser considerada um avanço dentro das situações expostas, uma vez que elas ocupam papéis dentro de padrões raciais depreciativos. Os episódios que trazem a temática do racismo são extremamente superficiais e acabam por reforçar violências raciais ao em vez de proporcionar um aprofundamento na questão, uma crítica mais sólida e embasada. Nota-se uma discussão

¹⁸ IBGE. Censo Demográfico 2010. Disponível em: http://www.biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/93/cd_2010_caracteristicas_populacao_domicilios.pdf

superficial em que as personagens quase nunca demonstram indignação, mas sim são conformadas e omissas com as situações vividas. Um dos pontos questionados pelos movimentos raciais.

A televisão atua na formação do imaginário de quem consome seus produtos, os telespectadores. Diante disso, as representações carregadas de estereótipos, de algum modo são internalizadas pelas pessoas e isso afeta as reproduções no convívio social e vão se enraizando como verdades. No caso de discursos racistas, por serem reproduzidos constantemente na televisão brasileira, não é diferente. Influenciado por representações estereotipadas, vemos reproduções discursivas como “cabelo crespo de negro é ruim”, “o sexo das negras é fogoso”, “o negro tem o pênis grande”, entre outros.

“Sexo e as Negras” representa a mulher negra de maneira estereotipada, dentro de uma visão machista e racista, sem se preocupar com a trajetória histórica e social vivenciada pelas mulheres negras. Os 300 anos de cultura escravocrata no Brasil, em que seu corpo negro foi utilizado para prazeres sexuais de homens brancos ou de posição social significativa no contexto escravocrata, são desconsiderados. O corpo negro possui uma carga histórica. A série analisada, apesar de oferecer a posição de protagonismo para mulheres negras, não traz novidade em suas representações que continuam estereotipadas, impregnadas de preconceitos e lugares sociais definidos para o que se considera "o outro", o exótico, o corpo negro.

Referências

- ARAÚJO, Joel Zito. *A negação do Brasil. O negro na telenovela brasileira*. 2.ed. São Paulo: Senac, 2004.
- BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG: 2015.
- BRASIL. Ministério da Saúde. *Secretaria de Vigilância em Saúde. Saúde Brasil 2005 – uma análise da situação de saúde*. Brasília: ministério da Saúde, 2005.
- CONNELL, R. *Teóricas, teóricos e teorias do gênero*. In: *Gênero: uma perspectiva global*. São Paulo: inVersos, 2015.
- FÉRRÉS, Joan. Os estereótipos como inversão da sedução. In: *Televisão subliminar: socializando através de comunicações despercebidas*. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- LIMA, Solange Martins Couceiro. A personagem negra na telenovela brasileira: alguns momentos. *REVISTA USP*, São Paulo, n.48, p. 88-99, dezembro/fevereiro 2000-2001.
- MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil. Identidade nacional versus identidade negra*. Petrópolis: Vozes, 1999.

SOUZA, José Carlos Aronchi. *Gêneros e formatos na televisão brasileira*. São Paulo: Summus Editorial, 2004.

Wyllys, Jean. Jean Wyllys fala sobre o seriado “Sexo e as Negas”. *Falabella e as Negas*, Youtube, 17 nov. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OkezQf1RRIU>. Acesso em: 12 jun, 2016.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2009

LEAL, Maria do Carmo et al. *Intervenções obstétricas durante o trabalho de parto e parto em mulheres brasileiras de risco habitual*. Cad. Saúde Pública [online]. 2014, vol.30, suppl.1.